

A P A

A C E

4 5 8 3 / 8 2

C N F

| / |

CONFIDENCIAL

04583



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA PORTO ALEGRE

INFORME Nº 110 / 119 / APA / 82

D A T A : 14 MAI 82
ASSUNTO : MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RA
CIAL (MNUCDR).
REFERÊNCIA : INFE 010/119/APA/81, de 21 JAN (ACE 2186/81)
ORIGEM : APA/SNI
AVALIAÇÃO : A-1
DIFUSÃO : AC/SNI
ANEXO : RECORTE DE JORNAL



1. O MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO lançou dia 12 MAI 82, uma No
ta de protesto alusiva à data comemorativa da Libertação dos Es
crvos (13 MAI).

2. O MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO contra a discriminação racial
(MNUCDR), ativado no RS em 1979, surgiu em SÃO PAULO, procura atr
avés de denúncias e palavras de ordem, combater a discriminação ra
cial dentro da sociedade brasileira, que é responsabilizada pela
marginalização do negro.

3. A Nota refere-se a situação dos negros brasileiros hoje ,
que não é diferente de 90 anos atrás, pois as formas de dominação e
exploração não terminaram com a Abolição, como continua a Nota: "Sim
plesmente se modificaram: da vida miserável das senzalas foram joga
dos às favelas, cortiços e alagados". Conclama a todos os negros a
se organizarem para continuar sua luta contra a discrminação racial
e a exploração econômica, social e política, dizendo que a Abolição
da Escravatura aconteceu por interesses econômicos, "sendo que nada
foi feito realmente visando resolver a situação degradante do es
crvo", e "sua condição de trabalhador em relação à anterior, de es
crvo, em nada mudou à exploração de sua mão-de-obra para enriquecer as
minorias que estão nas classes dominantes. O negro nunca tem condi-

CONFIDENCIAL

(Continuação do INFORME N.º 117/119/APA/82 Fl. 02)

ções de competir em igualdade com o branco por um trabalho mais digno".

Além disso, a Nota repudia as distorções da história oficial, por entender que estas escondem os valores culturais do negro. " A sociedade brasileira colonial ou capitalista sempre procurou passar uma falsa imagem do homem negro - antes Pai - João ou Mãe-Preta, que quer dizer submisso, dócil e humilde ; hoje preguiçoso, marginal e bandido, querendo justificar a situação de miséria a que foi levado com a falsa libertação dos escravos".

Ainda hoje, afirma o movimento, " o negro continua desconhecendo o lado mais digno da sua história, como a luta que sempre travou contra o sistema escravista; a importância dos quilombos, redutos de negros escravos que não mais aceitavam a sua condição de explorados, resistindo à opressão e comprovando a capacidade criadora da raça negra".

4. Os principais jornais de PORTO ALEGRE/RS, ZERO HORA (ZH/PA/RS) e FOLHA DA TARDE (FT/PA/RS), dedicaram algumas páginas ao dia de Abolição da Escravatura, onde fizeram reportagens sobre entidades que congregam pessoas da raça negra e suas programações comemorativas ao dia, sendo o MNU a entidade que comemorou protestando contra a data referida. Destaca-se que colunistas destes jornais discorreram sobre o assunto, sendo que IVETE BRANDALISE MATOS segue a linha do MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, contestando a libertação dos negros e também o sistema, quando diz: "não há condições para a festa da libertação, se as correntes permanecem intactas"; " o negro, livre, continua escravo numa sociedade em que as discriminações são mascaradas".

IVETE BRANDALISE MATOS atua em órgãos jornalísticos da CALDAS JÚNIOR, quando analisa os atos do governo, o faz de maneira insidiosa, procurando revoltar a população contra as instituições.



A T E N Ç Ã O

O original deste documento (com 01 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Ivete Brandalise

Livres ?

Não há condições para a festa da libertação, se as correntes permanecem intactas, se continuamos nos dividindo em proprietários e propriedades, em servos e senhores, e se nos fazemos nós mesmos escravos de preconceitos, de medos, escravos de nossa própria insegurança.

Não há condições para festa alguma, enquanto não aprendermos a abrir as cadeias e nos soltarmos livres para a vida, enquanto não nos permitirmos arrancar as viseiras e as correntes, enquanto não assumirmos a nossa verdade, enquanto não conquistarmos a nossa liberdade interior.

O negro, livre, continua escravo numa sociedade em que as discriminações são mascaradas. Ele já não tem proprietário, tem patrão, e seus direitos vão até o limite da discriminação, o respeito existe desde que ele "saiba reconhecer o seu lugar", que é na cozinha, na fábrica, no edifício em construção, no boteco da vila, nos salões da Sociedade de negros.

Negros livres separados dos brancos que também se imaginam livres, mas que são limitados pela sua origem, pela sua posição sócio - econômica, pelo seu grau de instrução.

Branco livres que se encolhem na porta dos edifícios, cobrindo seu frio com folhas de jornal. Crianças livres que vendem jornal na madrugada. Branco livres condenados a oito horas de trabalho por dia para receberem, em troca, um dinheiro que não basta sequer para matar sua fome. Livres para serem explorados, livres para verem seus filhos morrerem de fome.

Homens livres, que podem se locomover no trabalho para casa e da casa para o trabalho, que podem carregar seu cansaço, seus desencantos, suas desesperanças, seus temores, que podem compartilhar suas inseguranças com outros indivíduos tão livres quanto eles.

Mulheres livres, que são passadas de um proprietário para outro, em cartório. Com testemunhas. Mulheres que abdicam de sua condição de indivíduos para se transformarem na sombra apagada do senhor, que paga para que elas cuidem de seu conforto, para que atendam às suas necessidades.

Mulheres livres que deixam seus filhos entregues a estranhos (ou à sua própria sorte) para garantir - lhes o alimento. Mulheres livres que têm de colocar o afeto num plano secundário, enquanto seu tempo, seus esforços, sua capacidade, suas energias são consumidas no trabalho.

Mulheres e homens livres para trilharem o caminho que os conduz à morte. Marcados com números - comandados pelo relógio, dirigidos por suas necessidades, subordinados a regras, tolhidos pelos seus limites.

Tolhidos, inclusive (ou principalmente, por seus limites interiores, que formam as correntes mais consistentes, as cadeias mais estreitas. Tolhidos os gestos, as palavras, os sorrisos, até mesmo as lágrimas. Tolhida a espontaneidade, porque nesta sociedade de homens livres as máscaras não podem ser dispensadas.

F I M